

ARRISCAR PELO INFINITO: A APOSTA DE PASCAL

Rebeca Cordeiro de Moraes (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Paulo Ricardo Martines (Orientador), e-mail: prmartines@uem.br

Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Ciências Humanas / Filosofia

Palavras-chave: Deus, Homem, Apostar.

Resumo:

Esta pesquisa atentou-se ao conteúdo da dita “aposta de Pascal”. Para isso, fora preciso trazer à tona o argumento da aposta, constante no fragmento 233 de seus **Pensamentos**. O excerto trata da infinitude divina e da finitude humana, sobre a nadificação do homem perante o infinito e, assente nisso, o filósofo alega a impossibilidade de provar a existência de Deus. Já que o homem finito não poderia atribuir características e predicados finitos para evidenciar o infinito. A razão não pode tomar partido, não lhe cabe determinar algo sobre a infinitude e, igualmente, a fé não pode ser imposta a quem não crê. Pascal pretende, então, que o descrente se empenhe pela existência de Deus; para além de uma prova concreta, sem naturalizá-lo, ele se dedicará a demonstrar a razoabilidade em arriscar o que se tem na finitude pela esperança da infinitude. “Apostar” será nada menos que esperar por Deus sem circunscrevê-lo a limitações humanas, sem impor condições para crer nem tornar custosa a crença nele. Assim, há uma felicidade a ser contemplada e escolher apostar será, sobretudo, uma ação moral, pois será indecoroso negar o infinito se “não custa nada” jogar por ele. O acaso é sempre o amparo da aposta: não se pode afirmar se Deus existe ou não, há chances de que exista e não exista. Quem aposta precisa dispor-se verdadeiramente ao acaso, certo de que é melhor crer e sempre tentando o êxito – tal qual qualquer apostador comum.

Introdução

Blaise Pascal (1623-1662), dentre tantas facetas, reveste-se de sua religiosidade católica a fim de articular um impasse: a descrença no divino, no Deus infinito. Para tanto, Pascal se dedicará a mostrar, não de modo a provar a existência de Deus, mas, como há razoabilidade em arriscar a finitude em favor da infinitude, haja vista a impossibilidade de comparação entre tais. Ainda que o francês não utilize o substantivo “aposta”, o verbo designador do termo será empregado no fragmento 233 de seus **Pensamentos**: “Sim: mas é preciso **apostar**. Não é coisa que dependa da vontade, já estamos metidos nisso. Qual escolhereis então?” (PASCAL, **Pensamentos**, 233, grifo nosso).

Assim, estamos diante de um “jogo” pelo infinito onde a finitude humana jamais poderia “alcançar” ou dizer da imensidão divina. Resta, então, nutrir uma esperança e arriscar tudo pela existência de Deus, já que tudo o que é do homem, ainda que seja “o máximo”, é nada perante a infinitude. Se apostar pela existência e Deus existir, ganha-se o imensurável; se apostar pela existência e ele não existir, não se perde nada do que apostara; mas, se apostar pela não existência e ele existir, perde-se tudo.

Esta pesquisa pretende expor sobre o argumento da “aposta pascaliana” e como é possível tornar viável a existência do divino sem prová-lo nem transformá-lo em um ídolo, partindo da realidade de quem “aposta”, sem fazer da razão algo determinante para escolher apostar, mas tendo a razão como aliada para se discursar em favor do infinito e trazer à tona a razoabilidade em dar o finito em favor do infinito.

Revisão de Literatura

Para realizar este trabalho, fora preciso analisar a filosofia pascaliana tendo como base sua inacabada Apologia da Religião Cristã, seus **Pensamentos**, em língua original e tradução em língua portuguesa. Fora necessário saber sobre o panorama da crença e da descrença no contexto do filósofo e ao longo da História. Também foram consultadas obras de comentadores sobre o autor, seu contexto e concernentes ao tema estudado.

Resultados e Discussão

A “aposta pascaliana” acontece de modo antropocêntrico, dando ao homem um papel ativo no que se refere a escolher “apostar” pela existência de Deus. O fato de “arriscar” a finitude pela infinitude se dá pela impossibilidade (e impiedade) de provar Deus pela razão ou, ainda, naturalizá-lo, já que ““As provas” que Deus fornece acerca de si mesmo não são eminentemente racionais nem visíveis empiricamente. São marcas da divindade que colam no coração humano, porque são destinadas a ele e não ao intelecto ou aos sentidos” (LEOPOLDO E SILVA, 2001, p. 39).

Pascal proporá uma nova maneira de voltar-se ao infinito sem estabelecer a crença ou a descrença, mas destacando o quão exequível pode ser uma disposição ao desconhecido, ressaltando que tal escolha pode levar o homem a percorrer caminhos antes inimagináveis. Ele proporá, na leveza de uma esperança (em esperar por Deus), essa “jogada” pelo infinito que levará o homem a voltar-se à infinitude, sem a necessidade de *adivinhar* ou deduzir Deus.

Para Pascal, Deus só pode ser “concebido” pela caridade, provida unicamente pelo coração e pela mediação fundamental de Cristo, um Deus provado pela razão não passa de um ídolo. Aqui, então, é possível remeter à teologia negativa de Santo Agostinho, mestre de Pascal, onde não se diz o que Deus é, mas o que ele *não* é.

Muito mais que dimensionar Deus, sua ideia ou as *demarcações* metafísicas de infinito e finito, Pascal se atentará à importância de não postular simplesmente aquilo que faça mais sentido ou satisfaça a razão. Há o problema da descrença e para além da criação de uma quimera (ou ídolo) à moda finita, atribuindo-lhe um

título supremo e usando-a para regular e movimentar o mundo, o Deus pascaliano, na imprescindibilidade de se “apostar” por ele, não se adequará ao (ou transformará no) “Deus dos filósofos”. E, ainda, não se pode impor crença e fé a quem não crê. A ênfase em “apostar” se mostra: Pascal não quer aterrorizar o homem, exigindo dele ações que o ultrapassam, o ato de arriscar a finitude pelo infinito permite que se viva pelo cultivo de uma esperança *regada* por quem almeja alcançar o que não tem. Permitir-se apostar já é, de certa forma, um passo dado em direção ao infinito – e sem ser pego por armadilhas para as quais o homem não estaria preparado. O velamento divino em função de sua grandeza não invalida sua existência, muito menos isenta o homem de se posicionar e procurar Deus. “Apostar” é, primordialmente, *demonstrar* como a existência de Deus pode ser plausível, sem tentar prová-la. É tentar mostrar ao incrédulo que é melhor crer. É necessário, assim, proceder por dois cenários prováveis: a existência ou não de Deus. Uma tomada de partido para o sim ou para o não só pode ser feita se valendo de cara ou coroa, a julgar que a razão não teria critérios suficientes para eleger um lado – a razão, aqui, *não sabe* como agir:

Examinemos, pois, esse ponto, e digamos: “Deus existe ou não existe”. Para que lado nos inclinaremos? A razão não pode determinar: há um caos infinito que nos separa. Na extremidade dessa distância infinita, joga-se cara ou coroa. Em que apostareis? Pela razão, não podereis atingir nem uma, nem outra; pela razão não podereis defender nem uma nem outra. (PASCAL, **Pensamentos**, 233.)

Ao considerar o que se ganha e o que se perde ao arriscar, as chances estão expostas: há 50% de chance de que Deus exista e 50% de chance de que ele não exista. Ainda que isso seja feito na incerteza de ganhar ou perder, não é possível saber quem vencerá ou quem perderá, se é quem joga pela existência ou pela não existência. Se há 50% de possibilidade de ganhar o infinito, não apostar seria revestir-se da maior estupidez:

Sim, mas é preciso **apostar**. Não é coisa que dependa da vontade, já estamos metidos nisso. Qual escolhereis então? Vejamos. Já que é preciso escolher, vejamos o que menos vos interessa. Tendes duas coisas a perder: a verdade e o bem; e duas coisas a empenhar: vossa razão e vossa vontade, vosso conhecimento e vossa beatitude; e vossa natureza tem que fugir de duas coisas: o erro e a miséria. Vossa razão não se sentirá mais atingida por terdes escolhido uma coisa de preferência a outra, já que é preciso necessariamente escolher. Eis um ponto liquidado. (PASCAL, **Pensamentos**, 233, grifo nosso.)

Ao “apostar” pelo divino, e sem perspectiva alguma de certeza, o homem toma para si a melhor das alternativas, a expectativa pela verdadeira vida. Em um cenário onde não se pode *saber sobre nada*, é prudente ser conduzido pelo provável (LEBRUN, 1983, p. 110); a escolha do homem deve ser sempre para tentar encontrar o infinito, Deus, se ele está na partida: “Pensemos o ganho e a perda escolhendo a cruz, que é Deus. Consideremos esses dois casos: se ganhardes, ganhareis tudo; se perderdes, não perdereis nada. Apostai, pois, que ele existe, sem hesitar” (PASCAL, **Pensamentos**, 233).

Por conseguinte, o curso entre conhecimento e beatitude traz à tona a faceta ética da aposta. É preciso considerar a ação moral de quem arrisca, “visto que a conversão, em última análise, não dependerá de uma argumentação” (OLIVA, 2019, p. 26.), já que agir moralmente, aqui, considera uma esperança de ser agraciado pelo imensurável e uma perda fatal do que se “tem” na finitude – que, ao final, não será perda alguma.

Conclusões

“Apostar” na existência de Deus, o fundamento primeiro da dita “aposta”, do risco a ser enfrentado, e guiar-se por ela é a única chance que o homem pode ter de se sentir amparado. O “jogo de Pascal” não o compromete em um *sistema* nem deixa o homem *jogado* no mundo. Em um cenário onde é possível ganhar tudo apostando, é melhor gastar todas as fichas e ter a chance de ganhar que não apostar e, assim, perder tudo ao optar pela permanência na insignificância. “O mundo”, os prazeres finitos que o homem estima, que podem estar em jogo ao “apostar” pelo divino, são irrelevantes perante a verdadeira vida (ou vidas) passível de ser “conquistada” em Deus – recusar as paixões é fundamental para que se alcance os bens verdadeiros. Ao libertar-se das amarras mundanas, paulatinamente, aquele que não crê pode dimensionar a vastidão benéfica assegurada pelo amor de Deus.

Agradecimentos

Agradeço enormemente ao CNPq pela concessão da bolsa; à UEM; aos profissionais de ambas as instituições; ao Professor Doutor Paulo Ricardo Martines que, pela segunda vez, se propôs a me orientar, o fez com extremo zelo e tem toda a minha admiração. Meu muito obrigada a cada um que direta ou indiretamente contribuiu para a efetivação desta pesquisa e o crescimento por ela proporcionado, sem os quais isto não seria possível. Um abraço carinhoso a todas e todos.

Referências

- LEBRUN, Gérard. **Blaise Pascal, Voltas, Desvios e Reviravoltas**. São Paulo: Brasiliense S. A., 1983.
- LEOPOLDO E SILVA, F. Fé e Razão na Apologia da Religião Cristã de Pascal. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, Campinas, Série 3, v. 11, n. 1, p. 29-44, jan.-jun. 2001.
- OLIVA, L. C. G. Considerações Sobre a Aposta de Pascal. **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, v. 40, p. 15-33, jun. 2019.
- PASCAL, B. **Pensamentos**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.